

IX ENCONTRO MUNDIAL DAS FAMÍLIAS
DUBLIM, 21-26 DE AGOSTO DE 2018
O EVANGELHO DA FAMÍLIA: ALEGRIA PARA O MUNDO

SEGUNDA CATEQUESE: AS FAMÍLIAS À LUZ DA PALAVRA DE DEUS

“OS PAIS DE JESUS IAM TODOS OS ANOS A JERUSALÉM, PELA FESTA DA PÁSCOA” (Lc 2,41)

Ajudai, ó Mãe, a nossa fé.

*Abri o nosso ouvido à Palavra,
para reconhecermos a voz de Deus e a sua chamada.
Despertai em nós o desejo de seguir os seus passos,
saindo da nossa terra e acolhendo a sua promessa.*

*Ajudai-nos a deixar-nos tocar pelo seu amor,
para podermos tocá-Lo com a fé.
Ajudai-nos a confiar-nos plenamente a Ele,
a crer no seu amor, sobretudo nos momentos de tribulação e cruz,
quando a nossa fé é chamada a amadurecer.*

*Semeai, na nossa fé, a alegria do Ressuscitado.
Recordai-nos que quem crê, nunca está sozinho.
Ensinai-nos a ver com os olhos de Jesus,
para que Ele seja luz no nosso caminho.*

*E que esta luz da fé cresça sempre em nós
até chegar aquele dia sem ocaço
que é o próprio Cristo, vosso Filho, nosso Senhor.*

(Papa Francisco, Encíclica Lumen fidei, 29 de junho de 2013)

O ícone evangélico, que constitui o pano de fundo desta catequese, faz-nos imediatamente tomar consciência da profundidade religiosa da Sagrada Família de Nazaré.

Como lemos no Evangelho de Lucas, todos os anos, precisamente pela festa da Páscoa, José e Maria vão com Jesus ao templo de Jerusalém, para realizarem juntos o seu ato de fé. Estamos perante uma família em que todos os membros, pai, mãe e filho, empreendem juntos um longo caminho, com todas as dificuldades e imprevistos do tempo (tanto que, no caminho de regresso, Jesus se perde), para celebrar o seu ato de ação de graças pascal a Deus pela libertação do povo de Israel da escravidão no Egito. É uma família que, ao fazer memória do amor salvador de Deus, o torna vivo e ativo no seu presente, em vista de um futuro no qual a fidelidade divina dará plenitude e realizará à sua promessa. A peregrinação não é um simples ato devocional e religioso, que faz parte das tradições do próprio povo.

Certamente que não é novidade ver famílias completas, com todos os seus membros, participar nas festas religiosas, que atraem a atenção de comunidades inteiras, como a festa do Padroeiro ou os acontecimentos religiosos, que caracterizam algumas culturas na sua vivência dos tempos fortes do ano litúrgico, especialmente o Natal, a Semana Santa e a Páscoa.

O que faz a Sagrada Família não é apenas um ato tradicional, mas algo que revela um importante “*background*” que conhecemos a partir dos relatos evangélicos, que precedem a narração deste episódio. Tanto Maria como José são desafiados por uma Palavra que, vindo do Alto de modo completamente inesperado e surpreendente, lhes provoca uma resposta de fé. Se não realizamos uma leitura profunda dos dois relatos evangélicos, o de Lucas sobre Maria e o de Mateus sobre José, é difícil compreender a adesão total da fé de ambos, ao misterioso projeto divino.

Frequentemente damos como adquirido e evidente, que a aparição do anjo a Maria se realiza em sua casa em Nazaré, e a José no sonho, e parece-nos normal que ambos deem o seu consentimento. Na realidade, os dois relatos evangélicos têm o objetivo de transmitir um encontro com o divino e o seu conseqüente chamamento, envolvido num mistério tão profundo, que as palavras se revelam incapazes de exprimir. Lucas não fala explicitamente de aparição, mas usa a expressão “*entrando onde ela estava*” (Lc 1, 28), enquanto Mateus, ainda que escreva “*apareceu-lhe, em sonhos, um anjo do Senhor*” (Mt 1.20), afirma que a manifestação do divino não é tão evidente porque na realidade acontece no sonho. Não é, portanto, a chamada “*teofania*” a mensagem central dos dois evangelistas, mas sim a Palavra de Deus que interpela o coração de Maria e o coração de José, para dar uma resposta total, que marcará toda a sua vida. Tal Palavra comunica, informa, torna-os conhecedores de acontecimentos novos, extraordinários e inesperados, mas acima de tudo quer criar uma relação com a pessoa interpelada. Para ambos, Deus comunica a mesma Palavra: “*Não tenhas medo*” (Lc 1, 30, Mt 1.20). A este respeito, são esclarecedoras as palavras do Papa Francisco na *Amoris Laetitia*: «*A Palavra de Deus não se apresenta como uma sequência de teses abstratas, mas sim como uma companheira de viagem também para as famílias que estão em crise ou imersas nalguma dor, mostrando-lhes a meta do caminho, quando Deus “enxugar todas as lágrimas dos seus olhos, e não houver mais morte, nem luto, nem pranto ou dor” (Ap 21,4)» (AL 22).*

Se Maria e José vão todos os anos ao templo de Jerusalém para a festa da Páscoa, dispostos ao sacrifício e aos imprevistos, que implica uma viagem daquele tempo, levando com eles Jesus, é porque fizeram e continuam a fazer a experiência da Palavra de Deus na sua vida concreta. Toda a sua história é uma teia tecida pelo mesmo fio que é a Palavra. É a Palavra que os conduz a dar à luz o Filho na gruta de Belém, realizando o que a Escritura profetizou em Miqueias: «*E tu, Belém, terra de Judá, não és, de modo algum, a menor entre as principais cidades de Judá; porque de ti sairá um príncipe, que apascentará o meu povo Israel*» (Mt 2,6); é a mesma Palavra que os convida a fugir para o Egito, para salvar Jesus das mãos de Herodes (Mt 2,13); e é novamente a Palavra que os faz regressar à terra de Israel, após a morte de Herodes (Mt 2,19-23).

A Sagrada Família ensina-nos a todos, com as suas vicissitudes, que a Palavra de Deus não é uma transmissão de verdades religiosas ou uma catequese ou um ensinamento de normas morais para serem postas em prática; a Palavra é uma relação viva e profunda com Deus, que se torna história na vida de cada família. Eis a razão pela qual o lugar próprio e originário, no qual é transmitida a narração da experiência da Palavra divina, é precisamente a família, como reitera o próprio Papa Francisco: «*A Bíblia considera a família também como o local da catequese dos filhos. Vê-se isto claramente na descrição da celebração pascal (cf. Ex 12, 26-27; Dt 6, 20-25), mais tarde explicitado na hagadá judaica –, concretamente no diálogo que acompanha o rito da ceia pascal. Eis como um Salmo exalta o anúncio familiar da fé: “O que ouvimos e aprendemos e os nossos antepassados nos transmitiram, não o ocultaremos aos seus descendentes; tudo contaremos às gerações vindouras: as glórias do Senhor e o seu poder e as maravilhas que Ele fez. Ele estabeleceu um preceito em Jacob, instituiu uma lei em Israel. E ordenou aos nossos pais que a ensinassem aos seus filhos, para que as gerações futuras a conhecessem e os filhos que haviam de nascer a contassem aos seus próprios filhos” (Sl 78[77],3-6). Por isso, a família é o lugar onde os pais se tornam os primeiros mestres da fé para os seus filhos. É uma tarefa “artesanal”, pessoa a pessoa: “Se*

amanhã o teu filho te perguntar [...], dir-lhe-ás...” (Ex 13,14)» (AL 16). Estamos de tal modo acostumados a reduzir a transmissão da fé apenas ao ensino das normas, da verdade, das práticas religiosas, que esquecemos que a fé é uma experiência viva e concreta de Deus. Se esta experiência não acontece e não se encarna entre as quatro paredes do lar, a fé cristã limita-se apenas a um mero ato religioso ritualístico dentro dos edifícios das nossas igrejas, com pouquíssima incidência na realidade quotidiana.

É um lugar comum lamentarmo-nos, frequentemente, que as crianças e os jovens de hoje, completado o processo de iniciação cristã com a admissão aos sacramentos, já não frequentam as paróquias, deixam de entrar nas igrejas para qualquer ato litúrgico, nem mesmo nos denominados “feriados religiosos” de Natal e Páscoa. São poucos os que se interrogam, como pode um jovem ter o desejo de ir à igreja, se depois não experimenta a concretização da Palavra de Deus em casa e na vida de cada dia. É urgente, portanto, mudar o registo e começar de novo como se Jesus Cristo fosse anunciado pela primeira vez. O Papa Francisco insiste, frequentemente, sobre isto: «*Diante das famílias e no meio delas, deve ressoar sempre de novo o primeiro anúncio, que é o “mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário” e “deve ocupar o centro da atividade evangelizadora”. É o anúncio principal, “aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra”. Porque “nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio” e “toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma”» (AL 58).*

Como anunciar o *querigma* hoje? Mais uma vez, José e Maria nos preparam o caminho. Não vão a Jerusalém para uma festa qualquer, mas unicamente para a Páscoa, que não é simplesmente a festa mais importante para o povo de Israel, por causa do seu significado, mas é algo que toca realmente a vida concreta da pessoa. Por outras palavras, os pais de Jesus experimentaram, nos acontecimentos da sua vida, a Páscoa; não é uma pura memória do passado, não é apenas uma celebração ritual, mas uma experiência viva de morte e ressurreição na sua existência. Certamente que não tinham o menor conhecimento e a consciência da Páscoa do Filho Jesus, mas sabemos que quem escreve os episódios do Evangelho, parte sempre do *querigma*, do anúncio fundamental da morte e ressurreição de Cristo, para depois narrarem todos os outros episódios à luz deste acontecimento.

Maria e José vivem o seu ser Família, de acordo com os ritmos da Palavra, porque estão totalmente enxertados na lógica pascal. Da mesma forma, a Palavra de Deus torna-se carne em cada uma das chamadas Igrejas domésticas, quando se vive o mistério pascal na vida familiar; mias ainda, é precisamente a Páscoa de Cristo, que dá sabor e gosto familiar aos nossos lares. E a Páscoa não é uma ideia ou uma verdade ou um anúncio para ser transmitido às famílias, mas já está presente em cada família, a partir do dia da celebração do sacramento do Matrimónio. O sacramento nupcial é a atualização do mistério pascal de Cristo, vivo e operante, na sua relação de amor.

Quantos esposos cristãos estão cientes desta verdade extraordinária? Quantos sabem que a sua vida conjugal e familiar, em virtude da graça nupcial dada pelo sacramento do Matrimónio, é uma contínua celebração da Páscoa? A quantas pessoas lhes foi revelado que todos os acontecimentos de sofrimento, de dor e de morte estão enxertados na lógica pascal, razão pela qual não existe acontecimento mais doloroso, que não seja sempre a penúltima palavra e o prelúdio de uma surpreendente ressurreição? Se ninguém lhes reparte a Palavra de Deus, quem poderá, alguma vez, erguer o olhar e perceber o Grande Mistério encoberto na sua carne? É por isso que «*os Padres sinodais salientaram também que “a Palavra de Deus é fonte de vida e espiritualidade para a família. Toda a pastoral familiar deverá deixar-se moldar interiormente e formar os membros da igreja doméstica, através da leitura orante e eclesial da Sagrada Escritura. A Palavra de Deus é não só uma*

boa nova para a vida privada das pessoas, mas também um critério de juízo e uma luz para o discernimento dos vários desafios que têm de enfrentar os cônjuges e as famílias”» (AL 227).

Para que nossas famílias se tornem o que são, em virtude do Sacramento, é essencial um cuidado pastoral comum, que se mova e se oriente nesta direção. É um trabalho artesanal que exige pequenas atenções quotidianas para aplanar o caminho que conduza a uma verdadeira espiritualidade conjugal e familiar. Para tal, é muito preciosa a contribuição e o apoio dos pastores chamados a *«animar as famílias a crescerem na fé. Para isso, é bom incentivar a confissão frequente, a direção espiritual, a participação em retiros. Mas há que convidar também a criarem espaços semanais de oração familiar, porque “a família que reza unida permanece unida”. Entretanto, quando visitamos os lares, devemos convidar todos os membros da família, para um momento de oração, a fim de rezar uns pelos outros e entregar a família nas mãos do Senhor. Ao mesmo tempo, convém incentivar cada um dos cônjuges a reservarem momentos de oração a sós diante de Deus, porque cada qual tem as suas cruces secretas. Por que não contar a Deus o que turba o coração ou pedir-Lhe a força para curar as próprias feridas e pedir as luzes necessárias para poder cumprir o próprio compromisso?»* (AL 227).

Em lugar de ensinar, ou de instruir ou de educar, o Papa Francisco frequentemente fala de *“encorajar”* porque sabe que a arte do verdadeiro mestre não é apenas a de saber ensinar, mas sobretudo a de infundir força diante das dificuldades e de saber transmitir mais com o coração do que com a razão o que queremos dar ao outro.

O Santo Padre está bem consciente de que é precisa muita coragem para formar uma família, e ele mesmo está muito surpreendido (di-lo no início da *Amoris Laetitia*) que *«apesar dos numerosos sinais de crise no matrimónio “o desejo de família permanece vivo, especialmente entre os jovens, e isto incentiva a Igreja”»* (AL 1). Rezar, então, diante de um drama familiar, como a perda súbita de um filho ou a morte prematura do próprio cônjuge ou a perda de trabalho de ambos ou a forte crise de um casal, não é tão fácil e evidente. Se não se entra na lógica do mistério pascal sempre vivo e ativo em cada matrimónio, os ensinamentos tornam-se palavras que voam facilmente ao primeiro sopro de vento. É necessário muito ânimo; mas precisamos igualmente de testemunhos concretos que suavizem o caminho e mostrem que em Cristo morto e ressuscitado tudo é possível.

Que melhor testemunho de vida podemos encontrar do que a Família de Nazaré. As famílias *«como Maria, são exortadas a viver, com coragem e serenidade, os desafios familiares tristes e entusiasmantes, e a guardar e meditar no coração as maravilhas de Deus (cf. Lc 2, 19.51). No tesouro do coração de Maria, estão também todos os acontecimentos de cada uma das nossas famílias, que Ela guarda solícitamente. Por isso pode ajudar-nos a interpretá-los de modo a reconhecer a mensagem de Deus na história familiar»* (AL 30).

A Palavra de Deus, portanto, dá a cada família a sabedoria da vida e a luz necessárias para poder interpretar cada acontecimento familiar, grande ou pequeno que seja, e assim saborear o prelúdio daquelas Núpcias Eternas a que cada família é, desde sempre, chamada.

EM FAMÍLIA

Refletamos

1. Porque é que a Palavra de Deus é vista, muitas vezes, nas nossas famílias como algo distante, puramente religioso e incompreensível? Quais são as causas e quais são as propostas possíveis?

2. Uma família raramente, em momentos de dificuldades profundas e de uma crise severa, se volta para encontrar luz e apoio na Palavra de Deus. O que está a faltar e o que pode ser feito?

Vivamos

1. Houve assuntos familiares em que a Palavra de Deus encarnou realmente no vosso lar? Partilhai.
2. Celebramos a Páscoa em família apenas quando a vivemos. Impregnar com o gosto pascal os acontecimentos familiares é como provar o vinho novo das bodas de Cana. À luz desta catequese, fizestes a experiência do mistério pascal vivo e operante no vosso lar?

NA IGREJA

Reflitamos

1. Se *“a Bíblia está povoada por famílias”* (AL 8), como nos diz o Papa Francisco, porque é que a Sagrada Escritura é vista como demasiado abstrata e distante das famílias atuais? Que pastoral, ou melhor, que espiritualidade faltou nas nossas comunidades cristãs?
2. Assistimos, cada vez mais, a uma menor frequência de católicos nas nossas liturgias e detemo-nos, frequentemente, sobre este sinal externo, sintoma de uma problemática mais profunda. De que modo poderia ou deveria a Igreja enfrentar esta situação?

Vivamos

1. Como fazer para que a Bíblia não só entre ou seja lida nas casas, mas se torne uma verdadeira luz para as famílias?
2. Estamos mais preocupados em celebrar o mistério pascal nas nossas igrejas e menos em ajudar a vivê-lo nas famílias? Quais poderiam ser as propostas para uma mudança de mentalidade?